

Software de Gestão: Ferramenta Financeira Para Avaliar o Risco de Liquidez

KARLA PASSOS DE MORAIS¹, RICARDO MARONI NETO²

¹ Pós Graduando em Gestão Financeira, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) - Campus Caraguatatuba. linhaverde.info@gmail.com

² Economista e Mestre em Controladoria e Contabilidade Estratégica – Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Caraguatatuba. maroni@ifsp.edu.br

Resumo:

Este artigo visa identificar qual aplicação do software de gestão com módulo financeiro para avaliar o risco de liquidez das empresas. A metodologia utilizada foi de natureza aplicada, com característica semi original, abordagem quantitativa e análise descritiva, dos dados coletados pelo método survey, através de questionário aplicado com gestores de 40 empresas do setor de material de construção do Litoral Norte e Vale do Paraíba, do Estado de São Paulo. Os resultados demonstram que o módulo financeiro do software, utilizado por estas empresas é sub utilizado, principalmente quando se trata do planejamento estratégico financeiro e da tomada de decisões. Quanto a análise em relação a avaliar o risco de liquidez, percebe-se que além da maioria dos entrevistados não utilizarem o software para este controle, 25% dos gestores desconhecem o conceito do que seja liquidez.

Palavras-Chave: Liquidez; risco de liquidez; gestão financeira; sistema de informação.

1. Introdução

No Brasil as empresas enfrentam dificuldades para sobreviverem. Pesquisa realizada pelo IBGE (2017) com base nos dados das pessoas jurídicas que foram abertas e encerradas no período entre 2010 e 2014, conforme o cadastro do CNPJ (independente da atividade econômica ou natureza do negócio) constatou que menos de 38% desses empreendimentos sobreviveram nestes cinco anos. O desafio de sobreviver, que já é difícil para as grandes organizações, se torna mais complexo nas pequenas empresas, muito importantes para nossa economia, pois representam quase 99% dos negócios no país segundo o SEBRAE (2018).

Monteiro (2003), Gazzoni (2003), Neves e Pessoa (2006), argumentam que as empresas “quebram” por terem problemas de liquidez, pois, se não houver dificuldade financeira, não há razão para “quebrar”. O risco de liquidez é a possibilidade da empresa não ser capaz de honrar suas obrigações esperadas e inesperadas, correntes e futuras. Santos, Ferreira e Faria (2009) destacam que os pequenos negócios são atrativos do ponto de vista da rentabilidade, mas operam com alto risco de liquidez devido às deficiências em sua gestão financeira.

Nota-se então a importância da gestão financeira que, segundo Cunha (2002), consiste no uso de ferramentas que permitem identificar oportunidades, corrigir erros, fornecer informações que auxiliam na obtenção de vantagem competitiva frente aos concorrentes e otimizar os recursos disponíveis para o crescimento da empresa.

Campos e Gáudio (2014) afirmam que, apesar das ferramentas de controle gerencial proporcionarem uma maior visão do negócio aos empresários, auxiliando-os no processo de gerenciamento e tomada de decisão, e gerarem uma melhoria nos processos e no resultado final, nem todos os controles são amplamente utilizados pelas empresas.

Ribeiro e Rodrigues (2004) definem sistema de informação como um conjunto de procedimentos organizados que, quando executados, proveem informação de suporte à organização. Pode ser apresentado sob a forma de software de gestão, é uma ferramenta de controle que auxilia a administração financeira das empresas e contribui para evitar o risco de liquidez, pois o objetivo dos softwares é propiciar, as organizações que os utilizam, seis benefícios: sobrevivência, relacionamento estreito com clientes e fornecedores, novos produtos ou serviços, vantagem competitiva, excelência operacional e melhor tomada de decisões (LAUDON; LAUDON, 2010).

Diante do exposto nota-se a necessidade de uma boa gestão financeira que garanta a liquidez e assegure a sobrevivência da empresa, neste contexto os softwares de gestão podem contribuir como ferramenta.

Aproveitando esse universo e as lacunas encontradas nos artigos analisados referentes ao uso de instrumentos financeiros e risco de liquidez, apontadas na revisão da literatura deste artigo, este estudo pretende responder a seguinte questão: Qual aplicação do software de gestão com módulo financeiro para avaliar o risco de liquidez das empresas?

O objetivo geral é analisar a utilização de software de gestão com módulo financeiro na avaliação do risco de liquidez. Objetivos específicos: estudar a aplicação do sistema de informação na gestão; avaliar a visão do empresário sobre gestão financeira; avaliar utilização de software na gestão financeira das empresas; avaliar a percepção dos empresários sobre risco de liquidez e analisar se o software contribui para avaliar o risco de liquidez.

O trabalho está subdividido nas seguintes seções: Introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise dos resultados e conclusão.

2. Fundamentação Teórica

Nesta seção, aborda-se a base teórica que fundamenta o desenvolvimento desta pesquisa.

2.1 - Liquidez

A liquidez é um elemento importante para avaliar o desempenho da empresa e, conseqüentemente, a continuidade de suas operações. Para Villaça (1969) liquidez seria a propriedade de um ativo, governada pela relação entre o tempo necessário para sua realização e o preço alcançado livre dos custos envolvidos. Essa abordagem está relacionada ao conceito de liquidez contábil, pois é direcionada com o conceito de solvência e descontinuidade do negócio por comparar apenas níveis de realização e liquidação de recursos econômicos.

A liquidez não é “uma quantidade monetária, mas um índice de risco maior ou menor”, que representa o “grau de certeza em relação ao valor esperado” na realização do ativo que não é líquido. Considera a incerteza na realização de ativos ilíquidos em líquido

Villaça (1969) e o risco inerente e decorrente das decisões financeiras (investimento e financiamento), requeridas pela empresa e executadas pelo gestor Jensen e Merckling (1976).

Carvalho (1996) considera que a liquidez de outros ativos depende do grau de conversibilidade em moeda, ou seja, do risco envolvido na troca e que quanto maior for a liquidez de um ativo, maior é a eficiência e eficácia da gestão financeira de uma empresa. Observa também que por outro lado quanto maior, a iliquidez de um ativo, maior tem de ser, em equilíbrio, a compensação paga para convencer os detentores de riqueza a aceitarem os riscos que ele representa.

Sá (2006) define liquidez como “a competência do patrimônio de gerar recursos para socorrer a todas as necessidades de pagamentos”. Portanto neste estudo iremos abordar a liquidez como condição primeira e pré-estabelecida para fazer frente às dificuldades financeiras, presentes e futuras, e a própria continuidade da empresa (ASSAF NETO e SILVA, 2012; GARCÍA-TERUEL e MARTÍNEZ-SOLANO, 2007; CARVALHO, 1996; MARQUES e BRAGA, 1995; FLEURIET, KEHDY e BLANC, 1978; VILLAÇA, 1969).

2.2 – Risco de Liquidez

Gitman (2010) define risco como a probabilidade de perda financeira ou mais formalmente, a variabilidade dos retornos associados a um dado ativo. Neto (2003) aborda que a avaliação de uma organização se delimita aos componentes de seu risco total: econômico e financeiro. As principais causas do risco econômico são de natureza conjuntural, de mercado e do próprio planejamento e gestão da organização. O risco financeiro, de outro modo, está mais diretamente relacionado com o endividamento (passivos) da empresa e com sua capacidade de pagamento.

Portanto o risco pode ocasionar perda financeira, levando ao risco financeiro, que gera endividamento e afeta a capacidade de pagamento da empresa e se transforma no risco de liquidez, que é quando a empresa não é capaz de honrar seus compromissos podendo resultar na insolvência.

O risco de liquidez decorre da inabilidade para satisfazer as exigências de caixa, quando necessário, podendo ser caracterizado como insuficiência de recursos disponíveis para o cumprimento das obrigações da instituição, Palia e Porter (2003). O Artigo 2, da Resolução 2.804/2000 do Banco Central do Brasil - BACEN, define risco de liquidez como a ocorrência de desequilíbrios entre ativos negociáveis e passivos exigíveis, ou seja, entre pagamentos e recebimentos, que podem afetar a capacidade de pagamento da empresa.

Então no conceito de risco de liquidez do BACEN a teoria envolve ativos negociáveis, que no balanço de uma empresa estão nas contas do ativo circulante. Segundo Pereira Filho (1998) e Lemes Junior *et al.* (2005) “o ativo circulante consiste de quatro componentes principais: caixa, títulos negociáveis, estoques e contas a receber”. O risco de liquidez envolve também os passivos exigíveis que fazem parte do passivo circulante. O IBRACON (1994) conceitua passivo circulante como “obrigações econômicas que deve ser satisfeitas no período de um ciclo operacional ou um ano, dos dois o mais longo”. A saber, as contas mais comuns do passivo circulante são: fornecedores, impostos a recolher, salários a pagar e financiamentos de curto prazo.

O conceito de risco de liquidez envolve as contas que são movimentadas pelo ciclo operacional de uma empresa. Conforme Braga *et al.* (2004) a definição de ciclo operacional compreende o período de tempo que vai desde a entrada da matéria-prima no estoque da empresa até a venda dos produtos elaborados e respectivo recebimento. Para evitar o risco de liquidez é necessário equilíbrio entre pagamentos e recebimentos, o que demanda uma boa gestão financeira.

2.3- Gestão Financeira

“O termo gestão deriva do latim *gestione* e significa gerir, gerência, administração”. “Administrar é planejar, organizar, dirigir e controlar recursos, visando atingir determinado objetivo” (OLIVEIRA; PEREZ JR. E SILVA, 2011). A gestão financeira tem por finalidade manter a situação de liquidez da organização e propiciar obtenção de lucros que justifiquem os riscos dos investimentos e a capacidade empresarial Zdanowicz (2004).

Brigham e Houston (1999) ressaltam que não adianta ter equipes competentes e maquinários de última geração, se não tiver uma boa administração financeira, pois esta sim é o porto seguro da empresa.

Santos (2010) relaciona seis importantes ferramentas para auxiliar na gestão financeira: administração de capital de giro; administração de contas a receber; administração de caixa; análise de investimento e financiamento; administração de custos; a Formação de preço e administração do lucro.

Destaca-se acima a grande importância da gestão financeira sendo fundamental para evitar o risco de liquidez e garantir a sobrevivência da organização, mas nas pequenas empresas, realidade da maior parte dos negócios brasileiros, a gestão é função do proprietário que geralmente não possui o conhecimento técnico necessário para realizar uma análise mais aprofundada das informações financeiras, Matias e Lopes Júnior (2002). Visando facilitar a realização de uma gestão financeira mais eficiente nas pequenas empresas, tem-se a opção de utilizar as ferramentas destacadas acima por Santos (2010), através de um sistema integrado de gestão que disponibilizaria essas ferramentas dentro de um software de controle a ser utilizado nessas empresas. Contador e Contador (2008).

2.3- Sistema de Informação

Sistema de informação é, na verdade, um sistema com especialização no “processamento e na comunicação de dados (máquinas) ou de informações (organismos vivos)” (MATTOS, 2005). Sua constituição inclui um conjunto de módulos (objetos) de comunicação, de controle, de memórias e processadores, interligados entre si por meio de uma rede com protocolo em comum. As relações lógicas entre esses módulos são definidas pelos programas ou softwares executados por esse sistema, Mattos (2005).

Em geral o sistema de informação processa dados, de maneira informatizada ou não, e os apresenta para os usuários, indivíduos ou grupos, que são responsáveis pela sua interpretação, Silva, Ribeiro e Rodrigues (2004).

O’Brien (2004) aponta uma série de aplicações dos sistemas de informação nas organizações como: suporte de seus processos e operações, suporte na tomada de decisões de

seus funcionários e gerente e o suporte em suas estratégias em busca de vantagem competitiva.

Para complementar Laudon e Laudon (2010) descreve o sistema de informação como ferramentas de apoio a gestão das empresas que contribuem para excelência operacional, o desenvolvimento de novos produtos, serviços e modelos de negócio, o estreitamento no relacionamento com os clientes e fornecedores, a melhor tomada de decisão, a conquista da vantagem competitiva e, por fim, a própria sobrevivência.

O software é uma das formas de usar o sistema de informação, principalmente nas pequenas empresas, pode ser uma alternativa para o aumento do uso das ferramentas de gestão financeira. “Por si só o uso da tecnologia da informação, não garante uma gestão mais eficaz, pois mesmo que o funcionário tenha conhecimento sobre o uso de computador e esteja treinado a usar softwares, o conhecimento não será aplicado ou será subutilizado se o microempresário não se interessar pela aplicabilidade da ferramenta” (PLÁCIDO; SANTOS e MURTA, 2015).

Pode-se inferir então, que não adianta boas ferramentas sem o envolvimento e o conhecimento do empresário na gestão. Importante considerar ainda se o software adotado por essa empresa tem as ferramentas necessárias para o controle do risco de liquidez.

2.4 – Revisão da Literatura

Esta seção apresenta trabalhos anteriores sobre os temas abordados.

Sobre Gestão Financeira, Moreira et al (2017) desenvolveu um estudo para analisar o uso de instrumentos financeiros nas práticas de gestão das micro e pequenas empresas usando as teorias de Santos (2010).

Os resultados mostram que na auto-avaliação, o empresário acredita desenvolver uma boa gestão financeira, mas a grande maioria dos entrevistados não fazem controles diários de venda ou de estoque; não usam relatórios para medir índices como de endividamento ou liquidez e também para dar suporte às decisões, ou seja, a utilização de instrumentos e técnicas mais elaboradas ainda é um entrave para a maioria dos gestores.

Em relação à liquidez o artigo de referencia foi Ferreira et al (2007) que realizou um estudo para identificar os principais condicionantes do risco de liquidez entre as micro e pequenas empresas. Como metodologia foi utilizada a AED e o modelo Logit. O estudo identificou os principais condicionantes do risco de liquidez. Dentre esses, o tamanho da organização, a participação do capital próprio no negócio, o uso de informações financeiras, os ciclos de caixa equilibrados, bem como a baixa presença de empréstimos e financiamentos.

A análise da literatura embasa o desenvolvimento deste artigo, visto que o primeiro texto estuda os instrumentos para gestão financeira e o segundo texto aborda o tema liquidez. A contribuição desta pesquisa, é se propor a analisar a gestão financeira e o risco de liquidez, a partir de técnica ou ferramenta mais elaborada que possa auxiliar a administração financeira dos gestores dos pequenos negócios. Para tanto a ferramenta escolhida foi o “software”, porque ao procurar estudos sobre o uso de softwares de gestão com módulo financeiro, identificou-se uma lacuna neste tipo de literatura.

3. Metodologia

Esta seção detalha a pesquisa de campo, sendo dividida em delineamento, objeto da pesquisa e quesitos de análise questões e teorias.

3.1 - Delineamento

A pesquisa é de natureza aplicada, por estudar questões referentes a problemas práticos e suas possíveis soluções (COZBY, 2003), neste caso o uso de instrumentos financeiros e o risco de liquidez no módulo financeiro do software de gestão das empresas. Também se caracteriza por ser semi original, já que utiliza como base os trabalhos existentes de Moreira et al (2017) e Ferreira et al (2007).

O estudo é uma abordagem quantitativa de fonte primária, com coleta de dados em campo, utilizando um questionário semi estruturado disponibilizado on-line e aplicado em período transversal com um volume amostral não probabilístico. Visa quantificar as informações dos resultados, através da análise estatística que resultará na indicação de uma linha de ação (MALHOTRA, 2012).

Esta pesquisa é descritiva, porque os fatos são registrados, analisados, classificados e interpretados sem a intervenção do pesquisador (ANDRADE, 2010). O ambiente de análise é bibliográfico com caráter não experimental e foi adotado o método survey utilizado para coletar informações quantitativas sobre um determinado grupo (MALHOTRA, 2012), no caso empresas do ramo de material de construção que utilizam o mesmo software de gestão com módulo financeiro.

3.2 – Objeto da Pesquisa

Para a realização da pesquisa foi escolhido um grupo de empresas do setor de material de construção que utilizam o mesmo software de gestão comercial com módulo financeiro e fiscal. Este software é de propriedade de uma empresa de Caraguatatuba-SP, que tem 20 anos de experiência em desenvolvimento e se especializou em programar para o ramo de material de construção, que inclui os segmentos de elétrica, hidráulica e madeireira.

Apesar da empresa desenvolvedora do software possuir 189 clientes no ramo a ser estudado, o universo de amostra da pesquisa é composto por um grupo de apenas 100 micros e pequenas empresas do setor de material de construção, que estão distribuídas, na região do Vale do Paraíba e Litoral Norte do estado de São Paulo. O critério adotado na seleção destes estabelecimentos é o de usar há pelo menos um ano o software, justamente para garantir que os proprietários e funcionários destes estabelecimentos já estejam mais treinados e familiarizados com a plataforma, o que facilita o domínio das ferramentas necessárias para o uso do módulo financeiro.

3.3 Quesitos de análise questões e teorias

O questionário adotado usa como base para as questões sobre gestão financeira, o desenvolvido por Moreira et al (2017), mas foram acrescentadas novas questões sobre risco de liquidez e software de gestão financeira.

No total são 44 questões divididas em quatro partes: 8 questões fechadas sobre o perfil dos entrevistados e de suas empresas; 13 questões utilizando a escala de likert de 5 pontos, que aborda a visão do empresário sobre gestão financeira; 22 questões também na escala de likert de 5 pontos sobre a utilização do módulo financeiro do software adotado pelas empresas

entrevistadas e ao final uma questão aberta abordando o que o empresário faz para identificar o risco de liquidez de sua empresa.

Quadro 1 – Questões abordadas no questionário relacionando quesito de análise com as questões e teorias

Quesito de análise	Questões	Autor
Perfil do entrevistado e da empresa	1-8	SEBRAE (2018), Moreira et al (2017) e Ferreira et al (2007).
Visão do empresário sobre gestão financeira	9-21	Cunha (2002), Santos (2010), Moreira et al (2017) e Ferreira et al (2007).
Utilização do módulo financeiro do software	22-43	Cunha (2002), Santos (2010), Moreira et al (2017), Ferreira et al (2007) e Mota et al (2016).
Risco de liquidez	44	Ferreira et al (2007).

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

4. Análise dos Resultados

Em novembro de 2018 foi enviado, aos proprietários dos 100 estabelecimentos selecionados, por e-mail o link do questionário eletrônico disponibilizado no Google forms, junto com uma carta que explicava a pesquisa e a importância da participação. Infelizmente a adesão não foi grande, e mesmo com novos e-mails, enviados em janeiro e o contato telefônico com os empresários para convida-los a participarem. A coleta de dados findou-se em fevereiro de 2019 com a participação de 40 empresas.

Esta seção analisa os resultados obtidos na pesquisa e foi dividida em: perfil dos entrevistados e de seus negócios; visão do empresário sobre gestão financeira; utilização do módulo financeiro do software e o que o empresário faz para identificar o risco de liquidez.

4.1 – Perfil dos entrevistados e de seus negócios

Em relação ao perfil dos gestores: 45% dos entrevistados têm entre 31 e 40 anos e 27% de 41 a 50 anos; 20% concluíram o segundo grau; 42,5% fizeram faculdade e 20% são pós-graduados. A maioria dos entrevistados são pessoas com bom nível de formação e relativamente jovens.

Sobre o perfil dos negócios: é interessante notar que 57,5% são empresas que existem há mais de 20 anos; 15% entre 11 a 15 anos; 12,5% de 6 a 10 anos; 10% de 16 a 20 anos e apenas 5% existem entre 1 a 5 anos. Das empresas participantes 85% estão no regime do simples nacional; 75% funcionam em sede própria, 95% é um negócio familiar; 35% possuem mais de 20 funcionários; 27,5% de 1 a 5 funcionários e 20% 11 a 15 funcionários; 40% delas possuem de 1 a 3 veículos de trabalho, 22,5% de 4 a 6 e também 22,5% de 7 a 10 veículos.

Esses números demonstram que são empresas familiares solidas com muitos anos de existência e bem estruturadas, porque estão instaladas em sede própria, empregam um bom número de funcionários e a maioria delas possui vários veículos para trabalho. Resultado que foge da tendência normalmente identificada nas estatísticas brasileiras conforme IBGE (2017)

e SEBRAE (2018), que demonstram que a maioria das micro e pequenas empresas não costumam sobreviver por mais que cinco anos.

4.2 – Visão do empresário sobre gestão financeira

Analisando a visão do empresário em relação a sua gestão financeira na empresa, 95% considera importante ter uma boa administração financeira; porém, 60% não se posicionaram quando perguntados se possuem formação na área de finanças; mesmo assim a maioria afirma que tem conhecimento de técnicas do setor financeiro, mas por falta de tempo não costuma aplicá-las na rotina diária; entretanto 67,5% dos empresários consideram como boa à sua forma de gerenciar o setor.

Os entrevistados afirmam também, que quando elaboram o planejamento financeiro 68,5% não utilizam as informações do DRE; 78,5% são neutros ou concordam parcialmente que conhecem os indicadores de risco de liquidez; já os indicadores de endividamento e de rentabilidade são conhecidos por mais de 80% deles; 75% são neutros ou concordam parcialmente que a margem de lucro do negócio é boa. Em relação a investimento no negócio a maioria deles, quando vão investir não fazem estudo de viabilidade econômica e de retorno, quando necessitam de recursos financeiros, 82% usa o capital próprio; e apenas 18% utilizam empréstimos de terceiros.

As afirmações acima vão ao encontro com os achados dos estudos de Medeiros et AL (2014), apud Moreira et AL (2017), que constata problemas de controle e planejamento e as decisões tomadas pelos gestores normalmente é baseada no conhecimento empírico e não através do uso de práticas e instrumentos gerenciais que demandam conhecimento técnico e científico.

4.3 – Utilização do módulo financeiro do software

Sobre a utilização do módulo financeiro do software que as empresas entrevistadas utilizam há pelo menos um ano: 84% dos gestores consideram importante utilizar software com módulo financeiro e 88% afirmam que esta ferramenta contribui para o planejamento e administração do negócio; mas 70% são neutros ou concordam parcialmente que utilizam o módulo financeiro e 60% não responderam quando perguntados se apenas utilizariam este módulo para emissão de documentos fiscais.

Em relação às rotinas financeiras diárias, realizadas pelos entrevistados utilizando o software; 82,5% afirmam controlar o caixa; 37,5% discordam que lançam o saldo das contas bancárias da empresa; 74% administram as contas a pagar e a receber, mas destes 58,5% não utilizam o recurso de emissão de boletos bancários via software; 90,5% lançam notas fiscais de compra de mercadorias, no entanto 73% não se posicionaram ou discordaram parcialmente que utilizam o sistema para planejar suas compras; 83% controlam o estoque, mas destes, 65% são neutros ou concordam parcialmente que acompanham o prazo de giro de estoque, via software e 69% também estão entre neutro e concordando parcialmente que através desta ferramenta identificam a necessidade de reposição do estoque; ou seja, a maioria utiliza o software para controlar as entradas e saídas de mercadorias e também realizar os pagamentos e recebimentos.

Quando a abordagem é sobre o planejamento financeiro 83% utilizam os relatórios de vendas, custos, comissões e estoque; 81,5% afirmam que as informações dos relatórios

financeiros contribuem para formação do preço de vendas dos produtos; 66,5% são neutros ou concordam parcialmente que usam o software para projetar o fluxo de caixa diário; 59,5% discordam ou são neutros sobre extrair informações do software para auxiliar na identificação da necessidade de capital de giro;

Ao perguntar se utiliza o software para controlar o ciclo operacional, o ciclo financeiro e o ponto de equilíbrio, a maioria não opinou ou discordou parcialmente; em relação a outros tipos de controle como o de inadimplência, 76,5% são neutros ou concordam parcialmente que faça este controle utilizando o sistema.

A partir das respostas obtidas sobre o nível de uso do módulo financeiro do software estudado, percebe-se que o entrevistado conhece o módulo financeiro, faz lançamentos diários de informações sobre compras e vendas, abre e fecha caixa, controla o estoque e o contas a pagar e receber, mas quando o questionamento é sobre planejamento e controle usando a ferramenta do estudo, aí as respostas já não são as mesmas, ou seja, a maioria discorda, é neutra ou quando concorda é parcialmente que o software o auxilia em situações importantíssimas como os ciclos operacionais e financeiro, o ponto de equilíbrio e a necessidade de capital de giro.

Os achados acima são parecidos com os encontrados nos estudos de Plácido, Santos e Murta (2015), que afirmam que o uso da tecnologia da informação, por si só, não garante uma gestão mais eficaz, e que mesmo que o funcionário tenha conhecimento sobre o uso de computador, o conhecimento não será aplicado ou será subutilizado se o microempresário não se interessar pela aplicabilidade da ferramenta. Sendo o conhecimento do empresário essencial para uma boa gestão, neste sentido o software é um instrumento que pode contribuir se alimentado e utilizado da maneira correta.

4.4 – O que o empresário faz para identificar o risco de liquidez da empresa

A única questão aberta do questionário foi sobre a estratégia do entrevistado para identificar o risco de liquidez da empresa, mas, apesar de receber 40 respostas, percebe-se que 25% dos entrevistados não entenderam o que estava sendo perguntado e deram respostas como: zero, risco zero, não entendi, nada, não pensei no assunto, não fazemos, sim e não utilizado. Isso demonstra que estes respondentes provavelmente desconhecem o que é risco de liquidez, assim como, não identificam a importância de conhecer todos os números do setor financeiro e, se planejar para evitar este risco, garantido assim, a continuação do negócio. Essa constatação vai de encontro com Neto e Júnior (2006), apud Ferreira et AL (2007), que em seus estudos identificaram que as maiores causas de mortalidade entre micro e pequenas empresas estão na falta de preparo e inexperiência dos administradores na gestão financeira de curto e médio prazo. Justamente a gestão de curto prazo bem feita é que evita o risco de liquidez.

Os outros 75% respondentes afirmam que para evitar o risco de liquidez, elaboram planilha financeira no Excel, utilizando os dados extraídos do sistema SCE sobre as entradas, saídas, faturamento, contas a pagar e receber, nível de inadimplência e analisam o saldo das contas bancárias. Com estas informações, fazem o planejamento financeiro e a projeção dos gastos.

Para garantir a liquidez, os empresários afirmam ainda tomar várias medidas como: comprar à vista ou com prazo reduzido, promover promoções, negociar com os clientes

inadimplentes, vender só a vista e focar a venda para empresas. Mesmo com todas estas atitudes, eles dizem que, às vezes atrasos de clientes atrapalham o fluxo de caixa e alguns recorrem a apoio bancário. Outros ainda contam com o suporte da contabilidade ou contratam consultor financeiro para ajudá-los na gestão. Kassai (1997), afirma que o conhecimento profundo de técnicas administrativas não é fundamental para micro e pequenos empresários, dada a simplicidade do funcionamento de suas empresas. No entanto, conhecer as causas de limitações na gestão de capital e, de forma especial, os componentes associados à probabilidade de risco de liquidez, são fundamentais para o planejamento e crescimento orientado das micro e pequenas empresas.

5. Conclusão

Este estudo teve como propósito responder qual a aplicação do software de gestão com módulo financeiro para avaliar o risco de liquidez das empresas?

Os resultados obtidos demonstram que o módulo financeiro do software é subutilizado, não contribuindo efetivamente para o planejamento estratégico e a tomada de decisões nas empresas estudadas.

O software também não contribuiu efetivamente para avaliar o risco de liquidez do negócio, pois 25% dos entrevistados mostraram desconhecer o que é risco de liquidez e os 75% que dizem compreender este conceito, adotam estratégias para avaliar e combater este risco, que independem do software como: o uso de planilhas de Excel, negociar com inadimplentes, contratar consultor financeiro e pedir suporte a contabilidade.

Estes resultados indicam falta de conhecimentos administrativos dos gestores, pouca importância com relação a planejamento e gestão estratégica, mas também podem ser sinal de necessidade de treinamento destes gestores, em relação aos recursos disponíveis no software que facilitem a análise financeira. Ainda pode ser um indicativo da necessidade de avaliar se o módulo financeiro do software é adequado para a realidade mais simplificada destes pequenos negócios.

Como sugestão de estudos futuros é interessante analisar se os módulos financeiros dos softwares de gestão se adequam a realidade da micro e pequena empresa, que precisam de informações básicas sem muita complexidade, visto que normalmente este empreendedor não possui profundo conhecimento administrativo, mas precisa dominar técnicas que o ajudem a identificar o risco de liquidez, visando garantir a continuidade do negócio.

6. Referências

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2010.

ASSAF NETO, A. **Finanças Corporativas e valor**. São Paulo: Atlas, 2010.

AZEVEDO, J. G. D.; LEONE, R. J. G. Práticas de gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo descritivo em indústrias de castanha de caju do Estado do Rio Grande do Norte. **Revista Ciências Administrativas**, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 55-83, janeiro/ abril 2011.

CACIATORI JR., I; IAROSINSKI NETO, A. Classificação das Principais Dificuldades Enfrentadas pelas Pequenas e Médias Empresas. In: **XIII Simpósio de Engenharia de Produção**, 2006, Bauru. Anais - SIMPEP. Bauru: UNESP, 2006.

CHÉR, R. **A gerência das pequenas e médias empresas: o que saber para administrá-las**. São Paulo: Maltese, 1990.

COUTO, M. H. G. et al. Mortalidade Precoce das Micro e Pequenas Empresas: estudo das principais causas de falência empresarial em Bambuí/MG. **Revista da Micro e Pequena Empresa FACCAMP**, Campo Limpo Paulista, v. 11, n. 3, p. 39-53, setembro/dezembro 2017.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. 1º ed. São Paulo: Atlas, 2003.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, M. A. N.O Perfil da Administração Financeira das Pequenas e Médias Empresas. 2002. 95 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração pública e de empresas) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2005. Disponível: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8061/000317971.pdf>>. Acesso em 22 set. 2018

FERREIRA, M. A.M. et al. Risco de liquidez e condicionantes da gestão de capital de giro em micro e pequenas empresas. **Revista Economia & administração**, v.6, n.2, p.257-274, abril/junho 2007.

GITMAN, L. J. **Princípios de Administração Financeira**. 12ºed. São Paulo-SP: Pearson, 2010.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MOREIRA, B. C. M. et al. Analisando o uso de instrumentos financeiros nas práticas de gestão das empresas do setor de confecção e facção do município de Formiga/MG. **Revista da Micro e Pequena Empresa FACCAMP**, Campo Limpo Paulista, v. 11, n. 1, p. 87-107, janeiro/abril 2017.

MOTA, T.B; JUNIOR, A.M.C.O; FREITAS, A.F. Desenvolvimento e Uso de Um Software de Gestão Sob a Ótica das Dimensões Organizacional, Tecnológica e Humana em Empresas Públicas. **Revista de Gestão e Tecnologia NAVUS**, Florianópolis, v.6, n.3, p.70-87, julho/setembro 2016.

SANTOS, E. O. **Administração Financeira da Pequena e Média Empresa**. 2.ed. São Paulo-SP: Atlas, 2010.

SANTOS, L. M. D. FERREIRA, M. A. M. FARIA, E. R. D. Gestão Financeira de Curto Prazo: Características, Instrumentos e Práticas Adotadas por Micro e Pequenas Empresas. **Revista de Administração da Unimep**, v. 7, n. 3, p. 70, setembro/dezembro 2009.

SHAUGHNESSY, J. J. ZECHMEISTER, E. B. ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. Porto Alegre: AMGH, 2012.

VIAPIANA, Cláudio. Fatores de sucesso e fracasso da micro e pequena empresa. **In: Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, 2001, Londrina. Anais- II EGEPE. Disponível em: <http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/londrina/GPE2001-14.pdf>.

VIEIRA, K.M. DALMORO, M. **Dilemas na Construção de Escalas Tipo Likert: O Número de Itens e a Disposição Influenciam nos Resultados**. 2008, Rio de Janeiro. XXXII Encontro ANPAD. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-A1615.pdf>.

<<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/sebraeaz/pequenos-negocios-em-numeros>>. Acesso em 03 de setembro de 2018

<<https://www.bnpparibas.com.br>>. Acesso em 14 de setembro de 2018.